

O texto argumentativo na sala de aula

Kelly Cristini Granzotto ©

Resumen*

En la escuela de hoy, trabajar con redacción no es una tarea fácil, y la situación parece todavía más penosa cuando se trata de producir textos argumentativos. Pero por qué eso ocurre? Todos quieren dar explicaciones; los alumnos no saben y no les gusta escribir, así como algunos profesores, ese tipo de texto; el tiempo destinado para aprender el texto argumentativo en la escuela es poco; el problema está en el método de enseñanza, en fin, las viejas conocidas justificaciones. En este trabajo, son presentadas reflexiones y sugerencias sobre el asunto, con el designio de influenciar en la mudanza de pensamiento y actitude en lo que se refiere al texto argumentativo en la escuela.

Resumo

Na escola de hoje, trabalhar com a redação não é tarefa fácil, e a situação parece ainda mais penosa quando se trata de produzir textos argumentativos. Todos querem dar explicações: os alunos não sabem e não gostam de escrever esse tipo de texto, assim como alguns professores; o tempo destinado para aprender o texto argumentativo, na escola, é pouco; o problema está no método de ensino, enfim, as velhas conhecidas justificativas. Neste trabalho, são apresentadas reflexões e sugestões sobre o assunto com o intuito de influenciar na mudança de pensamento e atitude no que se refere ao texto argumentativo na escola.

A idéia de escrever este artigo surgiu de reflexões sobre algumas práticas escolares com a leitura e produção de texto envolvendo tanto o Ensino Fundamental quanto o Ensino Médio que foram desenvolvidas através do projeto: "Construção da prática pedagógica: um ato contínuo"(PROLICEN), orientado pela professora Sirlei Bitencourt Pacheco. Duas dessas experiências aconteceram em duas escolas distintas, com séries também diferentes (5ª série do Ensino fundamental e 3ª série do Ensino Médio), o que determinou que fossem trabalhados tipos de textos diferentes e adequados a cada uma delas.

Relato das duas experiências

I- Na 5ª série do Ensino Fundamental, trabalharam-se textos como a crônica "O lixo" de Luiz Fernando Veríssimo e o texto "Cãomício no Calçadão" de José Carlos Oliveira. Eram feitas leituras orais dos textos pelos professores da turma na situação, sem que os alunos tivessem o texto escrito. Depois, com auxílio, a turma fazia a leitura compreensiva do texto, onde todos, muito empolgados, reconstruíam e contavam a história com suas próprias palavras. Depois disso, através de perguntas que eram lançadas para a classe era feita a interpretação dos textos. Todo o trabalho até esse momento era oral e interativo. Passado o momento da leitura do texto, sugeriu-se que os alunos escrevessem sobre o que se havia ouvido e discutido. Claro, conforme o texto, a escrita que iriam fazer era guiada por critérios estabelecidos pelo professor no quadro. Com o texto "O lixo", pediu-se que fizessem, acompanhada de desenho, uma narração, contando alguma história de lixo que conhecessem ou tivessem vivido. Já, com o texto "Cãomício no Calçadão", a sugestão foi uma descrição sobre algum animal, podendo ser o seu de estimação. Os alunos, com muito entusiasmo, fizeram os textos, acompanhados de desenhos pintados. Ao final do trabalho, sugeriu-se que quem quisesse ler seu texto para os colegas que o fizesse. Muitos leram e queriam mostrar seus desenhos. O trabalho foi interessante, alegre e proveitoso por algumas razões bastante significativas. Notou-se, em primeiro lugar, que os alunos interessavam-se por essa atividade que em parte era novidade para eles: ouvir o texto lido pelo professor sem tê-lo por escrito. Nas escolas, geralmente, os alunos têm o texto por escrito, e o professor solicita que alguns da turma o leiam para os demais. Já no instante em que recontaram o texto, percebeu-se que a classe soube ouvir com atenção, apontando detalhes dos personagens, das ações dos mesmos. E, por último, pôde-se notar que a turma tem um bom conhecimento da estrutura dos textos descritivos e narrativos, além de esbanjar criatividade.

* Acadêmica do 4º semestre do Curso de Letras Espanhol e bolsista PROLICEN.

Depois de finalizar essa experiência, refletiu-se sobre algumas situações que chamaram a atenção. Por exemplo, os alunos foram instigados a contarem oralmente o que haviam ouvido, e alguns deles pediram se podiam escrever. Perguntou-se-lhes o porquê disso e disse-se que não. Eles mencionaram gostar mais de escrever porque era mais fácil. Naquele momento, pensou-se que pudesse ser vergonha, mas depois percebeu-se que eles participavam e recontando a história junto com os demais. Quando se disse que iam escrever e desenhar sobre o texto, todos gostaram. Essa situação deixou uma pergunta sem resposta. Por que será que as crianças gostavam de escrever esses textos? Lembrou-se de comentários que se ouviu de pessoas que trabalhavam com séries do Ensino Fundamental, e que diziam que os alunos gostavam muito de contar e escrever esses tipos de textos. Por que razão?

II- A outra experiência com a prática da leitura e produção de texto envolveu duas turmas de 3ª série do Ensino Médio.

A metodologia era um pouco diferente. Os textos eram lidos e discutidos conjuntamente, ao mesmo tempo que se analisava a estrutura do tipo de texto argumentativo. Só depois disso é que sugeriu-se aos alunos que redigissem um texto do mesmo tipo sobre os temas debatidos. Mas, ao se analisar o desempenho nas aulas e os resultados concretos da prática – os textos produzidos pela turma – a preocupação surgiu. Os alunos, apesar de estarem freqüentando a 3ª série do Ensino Médio, não tinham consciência do que era, como se organizava/estruturava o texto argumentativo. Além disso, não gostavam de debater os textos e de redigir, alegando terem dificuldade para tal. Também não havia entusiasmo por parte deles perante as atividades. Realmente, os problemas que os alunos diziam ter apareceram em seus textos.

Essa experiência permitiu contrastá-la com a anterior. Parece que os alunos gostam de ler e descrever textos descritivos e narrativos, e quando chegam no argumentativo perdem o gosto considerando-o difícil.

Tentou-se buscar razões para essa constatação.

Partindo do princípio que a vida do homem se resume em um constante interagir por meio da linguagem com os demais e que esse ato se caracteriza de acordo com Koch (1987) pela argumentatividade, aprender a produzir, ler e interpretar textos argumentativos, dissertativos é fundamental.

Talvez uma das razões esteja no grau de dificuldade que apresenta cada uma das modalidades textuais. Há quem diga que descrever como narrar parece ser mais fácil que argumentar. E isso é uma verdade. A justificativa pode estar no fato de que

desde a infância as pessoas ouvem e contam histórias (gênero narrativo) e descrevem pessoas e objetos (gênero descritivo), enquanto que muito raramente alguém lê um texto de caráter argumentativo para uma criança ou pede para ela convencer alguém de um fato. E o mesmo acontece na escola: só se vai escrever e conhecer a estrutura de um texto argumentativo lá pelas séries do Ensino Médio e isso quer dizer que o aluno já é um adolescente, ao passo que, nas séries anteriores, só se trabalha com textos descritivos e narrativos. Assim, pode-se afirmar, quem sabe, que, se tivesse havido um contato maior e mais cedo com essa modalidade textual, os alunos do Ensino Médio não apresentariam tantas dificuldades com ela e teriam um entusiasmo similar aos alunos do Ensino Fundamental no momento em que fossem redigir.

Outro motivo que cabe aqui salientar porque freqüentemente se ouve de professores de Português é o fato de que nem mesmo eles gostam de escrever esse tipo de texto. Há, inclusive, alguns que até dizem não saber fazê-lo. A partir disso, torna-se complicado ensinar e aprender o texto argumentativo, porque o educador, que deve orientar o trabalho, não se considera apto para tal. Em razão disso, pode-se inferir que os alunos não estão preparados adequadamente para ler, escrever e interpretar o texto argumentativo, uma vez que seus mestres também não estão. Por isso, torna-se crucial refletir e tentar criar alternativas para mudar essa realidade, criando nos professores o gosto pelo ensino dessa prática e recuperando nos alunos adolescentes aquela empolgação de criança.

Além disso, pode ser que falte o hábito de ler e escrever, uma vez que o tempo destinado para criar e desenvolver essas duas habilidades é muito curto na sala de aula. Os professores deveriam preocupar-se mais com isso, pois ler diferentes textos de maneira mais freqüente torna o aluno conhecedor de assuntos múltiplos e é um importante aliado no momento da escrita. Se a escola quiser que seus educandos produzam bons textos, tanto orais quanto escritos, deve investir mais nas leituras e na escrita e não somente usar os textos como pretextos para o ensino da gramática tradicional. Produzir um bom texto implica num conjunto de fatores como conhecer bem o sistema da língua; conhecer a estrutura e as características do tipo de texto pedido; conhecer o universo de quem vai receber o texto; estar informado sobre o assunto, etc. Portanto, para escrever um texto é necessário ter desenvolvido certas habilidades de escrita, de leitura, de oralidade – congregadas na competência comunicativa do falante. A escola precisa desenvolver estratégias pedagógicas que contemplem esses itens

Paz (1999) em "uma proposta para o ensino de produção de texto":

(...Sugere que o professor amplie sua concepção de aula de redação, isto é, as fontes de material para o trabalho em sala de aula devem ser, também, os próprios alunos, incluindo seus conhecimentos lingüísticos e competência comunicativa.

Todos sabem que não existem fórmulas prontas para que se faça um trabalho com redação. Por isso, cabe a cada educador criar metodologias, testar atividades, pensar sobre suas experiências, manter as que deram certo e descartar as demais que não foram proveitosas. O importante é conseguir bons resultados, é fazer com que o aluno aprenda a escrever e goste de fazer isso. Em se tratando do texto dissertativo /argumentativo, o que se tornou, na escola, "um bicho de sete cabeças", acredita-se que o professor, antes de ensinar a lê-lo, interpretá-lo e escrevê-lo, terá de tentar desfazer essa idéia fixa que todos têm sobre esse tipo de texto. Quem já não ouviu as pessoas dizerem "eu não sei escrever", "eu não gosto porque é complicado", "eu não consigo", "o problema é a redação" (quando se está numa situação de concursos como o vestibular). O professor tem a árdua e incômoda tarefa de transformar esse monstro que foi criado na própria escola e que se tornou o grande problema dos alunos e dos mestres no momento em que vão trabalhar com a redação. Em segundo lugar, será preciso recuperar nos adolescentes aquela empolgação e vontade para produzir textos mais complexos que as crianças de 5ª, 6ª e 7ª série têm, quando são convidados a ouvir ler, contar histórias, descrever, enfim produzir textos aparentemente mais simples. Na verdade, é necessário tornar o momento de escrever uma situação prazerosa e não um ato de tortura.

Tendo conquistado o interesse, o gosto dos alunos pelo ato de produzir um texto dissertativo /argumentativo, e desfeita a visão pessimista que eles têm sobre o mesmo, o professor já pode pensar em aplicar suas técnicas para o ensino propriamente dito. Como já se disse anteriormente, não existem fórmulas para ensinar o aluno a redigir; por isso, a partir desse momento, é tarefa de cada educador testar seus métodos, avaliar seus produtos e decidir qual é o mais adequado para a prática prazerosa da escrita argumentativa.

Referências bibliográficas

- KOCH, Ingedore G. V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.
- PAZ, Dione Maria dos Santos. *Uma proposta para o ensino de produção*. In [http://www.ufsm.br/linguagem e cidadania 01/99](http://www.ufsm.br/linguagem_e_cidadania_01/99).
- VERÍSSIMO, Luiz Fernando. *O Analista de Bagé*. 101ª Ed. Porto Alegre: L &PM, 1997. p. 83- 86.
- Cômico no calçadão In: *Para Gostar de ler*-vol. 7-crônicas, São Paulo: Ática, 1981. p. 22- 25.